

Um pequeno grande Hans em três breves atos

Celso Gutfreind¹

Resumo: Neste artigo, o autor propõe uma releitura da clássica publicação de Sigmund Freud referente ao caso do Pequeno Hans, publicado originalmente em 1909. Na primeira parte, apresenta de maneira breve a personagem conforme as referências originais. Na segunda, sintetiza aspectos que considera importantes dessa publicação. Na terceira e principal, retoma o sumo das conclusões que considera fundamental de um estudo em que ele próprio tentou aprofundar-se no caso com o objetivo de refletir sobre a atualidade desta obra precursora da psicanálise infantil. Ao final, propõe um balanço desses pouco mais de cem anos que nos separam do atendimento do Pequeno Hans e apresenta, a partir ainda do texto de origem, algumas possibilidades de perspectivas e desdobramentos para a clínica contemporânea da infância.

Palavras-chave: Clínica psicanalítica. O pequeno Hans. Psicanálise da infância.

Introdução

Em 1909, Sigmund Freud publicou *As duas análises de uma fobia em um menino de cinco anos*, o clássico caso do pequeno Hans (FREUD, 1909). O historial acirrou ânimos e deu muito o que falar (ou o que escrever) e, pouco tempo depois, tornar-se-ia o precursor da psicanálise infantil a partir dos novamente clássicos trabalhos de Melanie Klein (1923) e Ana Freud (1951), entre outros desbravadores desse campo.

¹ Escritor e Psicanalista de crianças e adultos pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

Debruçados sobre essa matéria, ao mesmo tempo clínica e histórica, dividimos o presente artigo em três breves partes a que chamamos atos como forma de homenagear a nossa personagem que se tornaria na vida adulta, apesar de tantas desconfianças a respeito de seu prognóstico, um grande e criativo diretor de ópera.

Na primeira parte ou ato, contamos quem é o pequeno Hans. No segundo ato ou parte, destacamos alguns aspectos do pequeno Hans de Freud. Na terceira e última, propomos uma releitura que, entre outras hipóteses, aponta a impressionante atualidade de uma obra precursora da psicanálise infantil e sua pertinência para o que ainda hoje se faz ou tenta se ampliar em termos de perspectivas na clínica com crianças. Mais do que isso, pensamos que se trata de uma publicação marcada por uma pujança que faz da psicanálise, também em seu capítulo infantil, uma verdadeira obra aberta (ECO, 1962).

1 O Pequeno Hans

Viena, começo do século passado. Freud já havia publicado *A Interpretação dos Sonhos* (1900) e, como uma criança que se desenvolve, a psicanálise deambulava e falava muito bem. O criador e sua turma reuniam-se às quartas-feiras para debater o que aprendiam. O grupo, sugerindo novamente as relações entre psicanálise e cultura, incluindo aqui a arte, era aberto a não médicos e a não analistas. Um de seus participantes era Max Graff, um musicólogo pra lá de erudito, pai do pequeno Herbert Graff, que, pouco tempo depois, se tornaria mundialmente famoso como O Pequeno Hans.

Freud também já havia publicado seus *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905). Priorizando, entre os conceitos mais caros à sua teoria, a importância dessa sexualidade infantil, ele não via crianças diretamente, mas acreditava que quase vinte séculos de civilização judaico-cristã haviam distorcido o que eram elas de fato (por fora e por dentro). A criança, segundo Freud, era mesmo provida de uma sexualidade, pelo menos no sentido freudiano, ou seja, amplo, histórico, longitudinal do pré-genital ao genital.

Com pouco mais de três anos de idade, o pequeno Hans era um menino esperto, espontâneo e que, por isso, correspondia na prática aos anseios teóricos de Freud. Ele se comportava bem mais como uma criança real (de Freud) do que aquela distorcida (vitoriana) ou idealizada pelos preconceitos de uma cultura altamente repressora, conforme o mesmo Freud e todos os observadores atentos aquele período.

Interessado por *pintos e pererecas* (pela sexualidade, enfim, em seus representantes genitais) de coisas, pessoas e animais, Hans tentava traduzir em palavras (representações conscientes) o que sentia sexualmente (*a coisa*), movido por uma necessidade de falar e de brincar, verbos e processos tão valorizados por psicanalistas da infância que vieram posteriormente.

O pai, ouvinte atento do filho, contava tudo para um Freud que, embora não atendesse crianças diretamente, exultava ao ver o quanto Hans correspondia ao mundo infantil mais próximo da realidade que ele tentava recompor nos adultos. Enquanto isso, o pequeno Hans crescia sem maiores – mas com neuróticos – percalços.

Resumindo o imbróglio de uma vida no seu auge (a infância, para Freud e todos nós), Hans ganhou uma irmã, pouco mais de um ano se passou, e uma fobia eclodiu. Sem querer sair do quarto, com medo de ser mordido por um cavalo numa época plena deles, o menino criou, felizmente, a demanda de um atendimento, fazendo com que o pai consultasse o seu mestre que imediatamente topou a parada de acompanhá-los sem soberba, ainda que indiretamente.

Agora sim havia um pedido de dentro para fora, calcado no sofrimento psíquico, restringindo e ampliando o espaço dos diletantes. Tinha um sintoma a ser batido, ou seja, clamando por uma história com papéis a serem ocupados num cenário terapêutico, aberto pelo pai e pelo criador da psicanálise.

Bendito sintoma para Hans e nós todos. No caso dele, permitiu que fosse atendido (compreendido) e, no nosso, que a psicanálise da infância pudesse ser construída para muito além do espaço e tempo restritos aos pioneiros protagonistas.

2 O Pequeno Hans de Freud

Foram quatro meses de um tratamento indireto, quando Freud intercedeu bem mais como um supervisor. O pai de Hans, banhado pelas ideias do pioneiro, aproximava-se do filho e, depois de debatê-las com o *pequeno*, levava o material ao *grande*. Tudo impensável e talvez até mesmo selvagem para os dias de hoje, mas estávamos nos primórdios a desbravar o desconhecido do desconhecido entre pioneiros como pais, paciente e analista de crianças.

O tratamento, nesses moldes, foi breve, tendo durado os quatro meses entre janeiro e abril de 1908, tempo suficiente para que o sintoma se esbatesse, encontrando uma história possível, um ano antes da publicação deste historial que, entre outros frutos e desdobramentos, tornou-se a base do atendimento de uma criança através da psicanálise.

Teoricamente, o caso sustenta os complexos de castração e de Édipo que se presta para a compreensão do sofrimento de Hans, além de embasarem os caminhos tortuosos e triangulares da produção de uma fobia. Clinicamente, há um corte analítico clássico a partir de interpretações realizadas paulatinamente e sustentadas nessa teoria.

Ao estilo dos históricos freudianos mais tradicionais, trata-se de uma longa e romanesca obra, descrita em detalhes do princípio ao fim. Não é nosso objetivo, no pequeno espaço que nos cabe, descrevê-los em pormenores, porém cabe salientar o cuidado com que o criador da psicanálise (de adultos e crianças) descrevia o seu atendimento: longamente, sem pressa, longe do estilo contemporâneo marcado pelas vinhetas, pelos fragmentos, pelo corte² (GUTFREIND, 2008). Afinal, além de cientista, o clínico-autor era um escritor de fôlego.

3 O Pequeno Hans de Freud revisitado

Nos anos oitenta do século passado, ainda estudante de medicina e já interessado em psicanálise, ouvi falar do Pequeno Hans pela primeira vez. Com alguns colegas, fazíamos um grupo de estudos para arejarmos um pouco das disciplinas duras da faculdade e encontrar uma abordagem mais integrada e humanista. A coordenadora, Liliane Fleming³, mencionou o caso e fui atrás.

Eu já tinha feito o mesmo com o *Moisés e o monoteísmo* que havia lido num fim de semana como um romance histórico que nada devia aos livros de ficção de fôlego que à época tínhamos tempo para devorar. Com *O Pequeno Hans*, o deleite foi o mesmo, ou seja, mais literário do que científico, saboreando uma narrativa magistralmente estruturada (com humor) e, depois dessa primeira leitura mais lúdica, ficamos muitos anos sem nos ler.

Nos anos noventa, uma década depois, já como psiquiatra de orientação analítica, ao realizar uma pesquisa sobre a utilização terapêutica do conto, fiquei impressionado com a referência do caso em quase todos os trabalhos de psicanálise infantil que precisei pesquisar (GUTFREIND, 2002). Ali, não

² Em nosso próprio estudo, fizemos a hipótese de que Hans representaria, com o sintoma fóbico, uma cultura com doses maiores de recalçamento e menores de atenção. Hoje em dia, o equivalente prototípico de um *transtorno* seria um quadro de déficit de atenção com hiperatividade, mostrando o quanto os distúrbios, desde a infância, podem ser influenciados pelos aspectos culturais (idem).

³ Atualmente, professora no Curso de Psicologia da UFRGS.

cheguei a relê-lo diretamente, mas nos reencontramos com frequência no boca a boca de muitos autores.

Na década seguinte, já psicanalista em formação e num novo século, eu e *O pequeno Hans* tivemos aquele que seria, pelo menos até o momento, o nosso maior encontro. Eu gozava das minhas férias em Gramado, quando desci ao *lobby* do hotel para olhar *e-mails* (o tempo contemporâneo é veloz e, ainda que o episódio seja recente, o *wireless* capengava àquela época).

A primeira mensagem vinha do Rio de Janeiro, assinada pela escritora e editora Nina Saroldi que anunciava uma coleção destinada a reler as principais obras de Freud e convidando alguns autores para (re) apresentá-las. Fui lembrado para *O pequeno Hans* e, embora estivesse concluindo um livro sobre a parentalidade, não pude deixar de atender o convite, especialmente porque era a primeira vez, depois de mais de uma vintena de trabalhos, que me ofereciam um adiantamento para escrever. Além do mais, era fevereiro, mês de mais gastos do que ganhos. A aceitação, neste clima de sério humor, deu-se sem muita hesitação e com muita necessidade.

Aproveitei o prazo de um ano até o final, lendo e relendo a fonte, assim como tudo que pude topar – e não era pouca coisa – a respeito dela. Desse terceiro encontro, destaco alguns aspectos teórico-clínicos que me acompanham até hoje. A versão e os conceitos de Freud estavam intactos com uma história clínica, dando conta do complexo de castração em todas as suas instâncias desde o medo de um menino sentir-se atraído por uma mãe que não filtrava a proximidade incestuosa e de ser retaliado pelo pai (com sua sisudez e seu bigode, posteriormente comparado aos arreios de um cavalo) até o sintoma fóbico, dando conta de tudo isso e muito mais (o sintoma como uma verdadeira obra aberta).

Todavia, no meio de uma nova intriga literária entre criador e criatura, mas já vislumbrando acréscimos científicos, havia sintomas em mim também. Assim como recebia um adiantamento pela primeira vez para escrever, pela primeira vez tinha dificuldades de atender a um prazo. À custa de muita análise (mais pessoal do que didática) em busca de meu próprio pequeno Hans (sempre disposto a vir à tona a cada transferência dentro ou fora dos livros), dei-me conta de que revivia uma nova cena edípica com nada menos do que o próprio Sigmund Freud. Afinal, eu era convidado para reescrever um livro desta autoridade *soberana* e mais: desejava e precisava encontrar o meu próprio caminho, por mais modesto que fosse. Ao final, o que diria o mestre inacessível; pior, o pai castrador com sua obra falicamente grande e neuroticamente insuperável...

Parecia mesmo (como sempre?) um caso de simbiose e individuação. Correto ou incorreto, maior ou menor, eu necessitava de vir à tona de mais esse cenário edipiano, anotando verdadeiramente aquilo que seria fruto de uma leitura pessoal (com seus encontros, evidentemente), legado não desprezível de qualquer leitura ou análise. Se as teses do mestre *inatingível* seguiam densas e intactas no século seguinte, já era possível (com muita psicanálise e literatura, evidentemente) crescer a partir delas, individualizar-se profissionalmente em relação a elas com eventuais acréscimos, ou seja, lançar algumas pedrinhas próprias a partir de uma experiência clínica sempre pessoal em sua co-construção e também do que pudemos ler do que já fora escrito, desde então, por discípulos que também superaram, mesmo que em parte, seus complexos edípicos.

Dito isso, podemos pensar que os conceitos (castração, Édipo, fobia) seguiam intactos à releitura do pequeno Hans, bem como a técnica utilizada, a partir deles, com interpretações se sucedendo a *insights* ou entendimentos. A neurose seguia em riste como a decorrência de pulsões desconhecidas (incestuosas e maternas, no caso) conforme noções expostas desde os três ensaios, marcadas pela exclusão e sujeitas a retaliação (paterna) De certa forma, da teoria à técnica, o esforço em transformar o inconsciente em consciente (a primeira tópica freudiana) a partir do projeto de uma metapsicologia, continuava vigoroso dentro de uma leitura tradicional (possível e pertinente) do caso.

Impressiona mesmo é a abertura da obra a novos conceitos (os acréscimos pessoais) e as possibilidades que oferece para refletirmos sobre o avanço teórico e clínico no que se referem à psicanálise da criança pós-freudiana. Entre outros exemplos possíveis e exploráveis no rico material, destacamos a ênfase que viria a ser dada ao lúdico, o foco no inter e transgeracional, bem como a importância de mediadores como as histórias que já estavam sugeridas no texto original de Freud (sempre interessadíssimo pelo conto e pela literatura) e que, por tudo isso, mostrava-se vigoroso para uma releitura e seus avanços.

Entre as reflexões advindas dessa releitura, destacamos:

I.

Freud, desde o começo, sugeria mais uma vez com propriedade que um sintoma é uma obra aberta. Afinal, por mais que todo o material clínico caísse como uma luva para os dedos de sua teoria, o analista negou-se na prática a concordar com o pai quando esse garantiu que a fobia estava diretamente ligada a uma estimulação erótica excessiva da mãe que punha o filho para dormir com ela durante as ausências paternas. Mas aqui havia muito mais do que um elogio ao tempo e à elaboração: Freud, sem mencionar, expressava o quanto intuía a

importância de trabalhar, junto às crianças, com a parentalidade (conceito recente e contemporâneo, pelo menos em sua sistematização) sem exercer críticas a seus protagonistas (GUTFREIND, 2010a).

Estávamos em 1908, seis anos antes da publicação sobre a introdução ao narcisismo, e Freud já voava como um clínico capaz de dar conta desses cuidados ao atender uma família, incluindo, sobretudo, os pais (FREUD, 1914).

Hoje, depois dos aportes winnicottianos, são muitos os estudos e as práticas clínicas valorizando esse lugar dos pais na psicanálise da criança, o que também podemos localizar no estudo pioneiro de um Freud já focado em um atendimento que valoriza o contexto, o ambiente da criança e suas interações com o mundo interno (ROSENBERG et al., 2002).

II.

O pai do pequeno Hans transformou-se como ser humano ao longo da narrativa a partir do encontro com Freud. No princípio, ele tinha a ânsia de interpretar dura e concretamente, correlacionando apressadamente os eventos observados no filho com as teorias da sexualidade do seu supervisor. Ironicamente, era o próprio Freud quem o continha, sugerindo que priorizava a clínica aos conceitos que ele mesmo erigia. Com isso, defendia a criação de um tempo (a elaboração) e a abertura de espaços co-construídos com o paciente. Havia ali, muito além das teorias, um encontro interpessoal e a arte da psicanálise ao conciliar, entre outros desafios, interpretação e tempo.

Aos poucos, tempo a tempo, o pai tornou-se mais lúdico (a brincadeira com a girafa, por exemplo, entre tantas outras passagens clínicas expressivas), mais presente, mais acolhedor, com novas e mais positivas representações mentais de seu filho, e uma de nossas hipóteses, além do que se poderia refletir sobre a técnica interpretativa, apontou para a importância dessas novas interações na melhora do Pequeno Hans e o quanto é difícil tratar uma criança sem tratar também o seu ambiente e/ou propor encontros de maior qualidade, temperados por uma forma lúdica e divertida de lidar.

Restam, ainda hoje, questões sobre o que teria esbatido os sintomas de Hans: as interpretações de Freud, devidamente baseadas no complexo de castração e de Édipo, conceito que conta fortemente com essa obra para o seu desenvolvimento... Ou foi a proximidade de um pai *melhor*, propondo relações de mais intensidade e qualidade?

Na dúvida, atualmente, no dia a dia, entre a nossa clínica e os referenciais que a sustentam, tentamos, ainda que humildemente, proporcionar os dois, dosando-os a cada caso e suas respectivas evoluções.

De qualquer forma, o próprio Sigmund Freud, antes dos trabalhos decisivos de sua filha Anna e Melanie Klein, já abria as portas para o lúdico junto ao interpretativo, convivência técnica tão em voga nos dias de hoje e não somente com crianças.

III.

Juntamente com o item anterior, observamos que muitas histórias foram contadas ao longo das idas e vindas do tratamento do Pequeno Hans. O evento máximo deu-se no único encontro entre paciente e analista, pelo menos descrito no livro, já que, como é sabido, Freud conhecia a família e havia tratado a mãe de Hans anteriormente. No comovente encontro relatado no texto, Freud comunica ao Pequeno Hans que há muitos anos esperava encontrar o menininho que, de tanto amar a mãe, temeria o pai.

Ele fala com Deus? – perguntou na saída um Hans quase incrédulo para o pai, dando conta da satisfação de se sentir compreendido nesta vida, especialmente depois de um (longo) tempo, trocando histórias ludicamente, ainda que amparado por conceitos.

Compreendido sim – e nada poderia em psicanálise ou na vida ser mais atual do que isso – mas também no contexto de um encontro que, além de abrir espaços, mostra-se repleto de transferências com rearranjos de objetos internos a partir da empatia que o sustenta e de histórias – o cimento – que são contadas.

A narratividade, portanto, abre um espaço para se pensar na importância da intersubjetividade, hoje atribuída à psicanálise como, aliás, a sua guardiã num mundo de imagens tão concretas, de tanta pressa e superficialidade na ingerência de conflitos. Nesse sentido, a co-construção de um tecido *interafetivo* mais profundo, a partir de um encontro, assume um lugar primordial no desenvolvimento da pessoa. Há autores, inclusive, que chegam a enfatizar a psicanálise como um dispositivo cujo arsenal tem no *implicar-se* algo mais importante do que no *explicar* (CICCONE, 2007).

Freud, enquanto explicava paulatinamente, implicou-se muito com seu pequeno paciente, e os estudos da narratividade mostraram-se também fundamentais nas décadas que sucederam os primeiros trabalhos freudianos. Podemos mencionar, entre tantos outros, os aportes de Bruno Bettelheim sobre os contos de fada e, sobretudo, a valorização que Winnicott sempre atribuiu à construção de um espaço transicional construído entre a mãe e o bebê, baseado formalmente nas interações entre ambos e com o conteúdo marcado pelas histórias, pela cultura, pela arte, ou seja, eminentemente narrativo (BETTELHEIM, 1976; GUTFREIND, 2010b; WINNICOTT, 1971).

O texto e suas faltas, as emoções e seus preenchimentos promovem essa ligação: ambos encontram o seu nascimento (ou cura) na palavra. Os processos narrativos tornam-se, enfim, valiosos para acompanhar o que se passa no desenvolvimento de uma criança, seja longitudinalmente ao longo de sua vida, seja na transferência transversal durante o tratamento, quando também observamos, nos casos de melhor evolução ou descobertas, o surgimento de um ego mais narrativo (STERN, 1992).

Conclusão

Retomamos, em busca de alguma conclusão possível (mas qual narrativa faria senão preparar novas questões...), os ânimos acirrados depois da publicação da obra. Teria sido o pequeno Hans vítima da psicanálise, de seu criador e seus anseios de construir uma ciência? Seria ele uma criança normal? Portadora de outros diagnósticos ainda mais graves?

Aqui sobram questões como em torno de toda grande obra, em meio a um dispositivo (analítico) mais afeito a perguntar do que a responder, mas as evidências (termo médico bastante utilizado na contemporaneidade) apontam para o importante fato que, a partir de então, as crianças não precisariam mais estar reclusas a intervenções educativas, religiosas ou simplesmente negligenciadas em seu sofrimento psíquico e poderiam agora se beneficiar de uma escuta analítica, compreensiva, dinâmica. A publicação, no mínimo, abriu essa valiosa porta, sempre frágil e podendo ser fechada novamente, haja vista a valorização contemporânea de tratamentos mais breves e/ou medicamentosos.

Mas novos e importantes precursores a abriram e sucederiam a Freud como a sua filha Anna, valorizando a importância do desenho ou da preparação da criança para o atendimento analítico, e Melanie Klein, desenvolvendo o papel do jogo como equivalente às associações livres (FREUD, 1951; KLEIN, 1923), tornando a criança analisável, e mesmo o mencionado Winnicott com suas contribuições valiosas à compreensão do papel essencial exercidos pela mãe e pelo ambiente. No caso deste, se atentarmos a seu historial igualmente clássico e de fôlego, *The pigle*, veremos o quanto há ecos de Hans já na década de sessenta, quando o caso foi escrito (WINNICOTT, 1979).

Somam-se a eles os novos psicanalistas da infância e sua luta para manter aquela porta aberta. Em meio a isso, impressiona que Freud, embora seguisse não atendendo crianças – indiretamente tampouco – tenha fomentado tantas ideias com essa obra precursora. Acabamos de percorrer algumas delas como

a parentalidade, a forma lúdica de um tratamento com a aquisição da mesma pelo cuidador e a narratividade (incluindo, aqui, a importância do inter e transgeracional), todas assíduas na teoria e na clínica contemporânea, o que nos permite afirmar que Freud, na continuidade de seu trabalho, à medida que seguia atendendo adultos com suas crianças recompostas, trazia em seu aparelho psíquico a noção afetiva e verdadeira de uma criança aqui e agora.

Em outras palavras, talvez não haja psicanálise do adulto que não precise considerar as noções primordiais da análise de uma criança.

De qualquer forma, o pequeno Hans seguiu com Freud no atendimento aos *grandes*, assim como permanece entre nós que atendemos adultos (com suas crianças internas) e crianças em meio a seus adultos. Ali estão as bases de um método para compreender a experiência humana que priorizaria a forma ao conteúdo, tornando-se, de certa forma, mais afeito à poesia de suas entrelinhas do que à aparente abundância de sua prosa. Parodiando Joyce MacDougall, poderíamos utilizar aqui a expressão *em defesa de certa musicalidade* em detrimento de, simplesmente, uma *cura pela palavra*.

Mais de cem anos depois da publicação original, pode-se hoje dizer com folga e afinação que a música deste que se tornaria um diretor de óperas soa ainda e cada vez mais afinada no dia a dia de nossas análises.

A little big Hans in three short acts

Abstract: In this article, the author proposes a reinterpretation of the classic publication of Sigmund Freud referring to the Little Hans case, originally published in 1909. The first part briefly presents the character according to the original references. In the second, the article synthesizes aspects considered important in this publication. The third and main part takes the conclusion most important parts that considers fundamental to a study in which he tried to deepen in the case in order to reflect on the relevance of this precursor work of child psychoanalysis. In the end, proposes a balance of these hundred years that separate us from the Little Hans treatment, and presents, from the source text, some possible prospects and developments for the contemporary clinic for infants.

Keywords: Childhood psychoanalysis. Little Hans. Psychoanalytic clinic for infants.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. **Psychanalyse dès contes de fées**. Paris: Robert Laffont, 1976.

CICCONE Albert. **Naissance à lapensée et partage d'affects**. Apresentado no Colóquio Vinculos tempranos, clínica y desarrollo infantil. Montevideu, agosto de 2007.

ECO, Umberto. **L'œuvre ouverte**. Paris: Seuil, 1965. Trabalho originalmente publicado em 1962.

FREUD, A. **Le traitement psychanalytique des enfants**. Paris: Puf, 1975. Originalmente publicado em 1951.

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In: **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 4. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1909). Duas histórias clínicas (O Pequeno Hans e O Homem dos ratos). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 10. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914). A guisa de introdução ao narcisismo. In: **Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

GUTFREIND, Celso. **L'utilisation du conte comme médiateur dans le traitement des enfants séparé de leurs parents : possibilités thérapeutiques et quelques aspects spécifiques**. Villeneuve d'Ascq : Presses Universitaires du Septentrion, 2002.

_____. **As duas análises de uma fobia em um menino de cinco anos: o Pequeno Hans: a psicanálise da criança ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. **Narrar, ser mãe, ser pai & outros ensaios sobre a parentalidade**. Rio de Janeiro: Difel, 2010a.

_____. **O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2010b.

KLEIN, Mélanie. L'analyse des jeunes enfants. In : **Essais de psychanalyse**. Paris : Payot, 1967. Originalmente publicado em 1923.

ROSENBERG, Ana Maria S. et al. **O lugar dos pais na psicanálise das crianças**. São Paulo: Escuta, 2002.

STERN, Daniel. **O mundo interpessoal do bebê**: uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

WINNICOTT, D. W. **Jeu et réalité**: l'espace potentiel. Paris: Gallimard, 1975. Originalmente publicado em 1971.

_____. **The pigle** : relato do tratamento psicanalítico de uma menina. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

CELSO GUTFREIND
Rua Des. Moreno Loureiro Lima, 445 / 202
90450-130 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: celso.gut@terra.com.br